OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

9.º ANNO — VOLUME IX — N.º 270

21 DE JUNHO 1886

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Chegou finalmente o verão, e honra lhe seja, chegou precisamente na occasião marcada pela folhinha.

Não faltou á deixa da primavera este anno s. ex.ª o verão, e tendo de entrar em funcções hoje mesmo, 21 de junho, que a nossa chronica sae a lume — e póde-se dizer com toda a verdade sae a lume, porque a rua está mais quente que um forno de padeiro — já ha seis dias que desembarcou na nossa capital com toda a sua bagagem de ar abafadiço, sol caustico, aragem de synapismo e brisas de chá de borragens.

Lisboa ficou assombrada com esta repentina invasão do calor, que a tarde fresca da vespera e a noite tão fresca que até chegara a ser fria, lhe não fizeram prever. O verão veio de embuscada, e no dia 16 de junho, quando o bom lisboeta descuidado saiu para a rua com o seu paletot de cheviot entre forte e fraco, de meia estação, encontrou o sol do Saraah no Chiado e o calor dos tropicos na Avenida da Liberdade.

E n'essa mesma noite, a Avenida encheu-se completamente como se lá em cima, em Valle de Pereiro, estivesse annunciado grande fumo por conta da companhia dos caminhos de ferro; a população da capital correu á Avenida não attrahida pelo fogo que lá se annunciasse, mas impellida pelo fogo que a derretia nas suas casas, a vida lisbonense deu de repente uma cambalhota enorme nos seus habitos, o theatro do Gymnasio, que na vespera ainda ella enchera para rir com as facecias do Cesar de Lima e do Valle no *Assassino do Macario*, ficou ás moscas, no Colyseu a sr.ª Aponte e a sr.ª Segovia cantaram para a palhinha das cadeiras e para as tabuas rasas da geral, o sr. Guerra fez de Feroz romano apenas diante dos emprezarios que estavam muito mais ferozes do que elle, as bailarinas dos *Encantos e surprezas* não tiveram binoculos curiosos a vel-as pôrem-se em fralda de camisa, porque toda a gente tratava de fazer o mesmo em sua casa, e no dia immediato o Colyseu baixava os preços na proporção em que o calor augmentava, 50 p. c., o Asylo da Mendicidade punha na Avenida as suas cadeiras que se alugavam como d'antes se vendia canella, os chafarizes de Lisboa desentranharam-se em agua de Caneças e da Sabuga para as bilhas dos *marchands d'eau*, e d'aqui a dias toda a Lisboa que tiver dinheiro e tempo, sairá radiante e satisfeita as portas da cidade e alastrar-se-ha pelo nosso *fóra da terra*, á procura de brisas frescas, d'aguas estomacaes, de arvores de boa sombra e de banhos de lympha christalina.

Tudo isto quer dizer, meus senhores, que Lisboa vae cair na insipidez monotona dos tres me-

A FAMILIA D'ORLEANS

CONDESSA DE PARIS

CONDE DE PARIS

(Segundo photographias)

zes de verão, insipidez que se ameaça terrivel, porque até as esperanças d'uma companhia dramatica italiana importante que nos sorria para esses mezes de sede d'agua fresca e de fome de divertimentos, se desfizeram como fumo, visto que apezar dos nomes da actriz Tessero e do actor Dominici essa companhia não conseguiu obter assignatura em Madrid, tomando por tanto a resolução de não visitar este cantinho do occidente, que disse «não estar em casa» quando ella lhe mandou o seu bilhete de visita.

Resta nos portanto ficar em espectativa triste ante esses mezes que se aproximam e liquidarmos hoje aqui as nossas contas com os divertimentos que foram o canto do cysne da primavera que passou.

Temos em primeiro logar o ultimo cartuxo de polvora dos foguetes com que Lisboa solemnisou o casamento do principe real D. Carlos com a princeza D. Amelia de Orleans, d'esse casamento que tanta bulha fez não só em Portugal como tambem em França, infelizmente para a Republica que fez aos seus inimigos a vontade de votar uma lei de exilio como demonstração pratica do que é a liberdade de pensamento e de opinião, e como prova eloquente de que a forma republicana em França não tem medo algum d'aquelles que são contra ella.

Andou por muito tempo addiado esse ultimo foguete que se devia queimar na Tapada em honra do casamento dos principes; não é hoje, é ámanhã, não é ámanhã é depois, e n'um dia a chuva, no outro os artilheiros do 1, fizeram com que a festa fosse ficando para as kalendas gregas.

Por um acaso singular d'este singularissimo anno que tanto deu no goto de Nostradamus, do mesmo modo que S. Jorge caiu na sexta feira de Paixão, e que o Corpo de Deus ha de cair, se Deus quizer, no dia de S. João, as kalendas gregas cairam na noite de Santo Antonio.

N'essa noite, emquanto cada um no seu quintal accendia a sua fogueira em honra do popular thaumaturgo, accendia o sr. conde de Burnay as suas brilhantes illuminações na Tapada da Ajuda em honra do principe real portuguez.

Infelizmente o vento fez causa commum com os artilheiros e com a chuva que tinham por tantas vezes feito addiar a festa, pôz se a soprar como um damnado n'essa noite, a fazer sabatina das suas boas noites frias e agrestes de inverno e afugentou muita gente da Tapada e a luz de muitos pavios. Ainda assim a illuminação fez algum effeito, effeito que ainda mais desesperou aquelles que batendo o queixo assistiam á festa, pois comprehenderam que se a noite estivesse amena, como as d'estes ultimos dias, se cumprisse briosamente o seu dever de Santo Antonio, a festa da Tapada viria egualar, senão exceder, a magnifica festa do bairro Camões, a festa mais deslumbrante que se tem feito em Lisboa e que tomou já o seu logar nas citações classicas dos lisboetas que se divertem.

E não seria nenhum milagre se assim fosse, visto que ambas tinham por promotor o sr. Henrique Burnay, que apezar de conde, continua a ser o mesmo homem prodigioso, a mesma actividade fabulosa, a mesma excepcional organisação de trabalhador, que Portugal assombrado admira ha muitos annos, e que é perfeitamente unica no nosso paiz.

E já que fallamos no conde de Burnay reparemos aqui uma falta que o pouco espaço de que dispozemos na nossa ultima chronica nos obrigou a commetter, registemos a brilhante festa que s. ex.ª offereceu aos jornalistas estrangeiros e a alguns jornalistas portuguezes no seu magnifico palacio da Junqueira, por occasião dos festejos do casamento.

Jornalista tambem, Henrique Burnay — não se é impunemente *Topa tudo* — proprietario do *Jornal do Commercio*, entendeu não dever deixar passar por Lisboa os jornalistas de França e de Hespanha sem os reunir n'uma festa alegre, despertenciosa, festa de familia, de boa confraternidade intima, e offereceu-lhes um almoço no seu palacio no dia 30 de maio.

A casa do sr. Burnay é puramente uma maravilha, um prodigio de riqueza e de bom gosto, um museu precioso de obras d'arte antigas e de sumptuosa elegancia moderna, uma casa que não se póde descrever em dois traços, que se não inventaria sobre o joelho, que exige de quem tentar o trabalho d'uma descripção, uma profunda erudição em coisas d'arte, um poderoso vigor de colorido, os dotes raros de Emilo Zola para reconstruir pela palavra, para espelhar n'uma pagina, esses interiores sumptuosos, opulentos, elegantissimos em que se casam essas coisas tão difficeis de se encontrar juntas — a riqueza, a arte e o bom gosto.

Mas o que impressionou mais todos os convivas do sr. Burnay não foram as maravilhas da sua casa maravilhosa, foi o encanto da sua familia encantadora, a simplicidade de bom tom, a intimidade de boa feição, o *charme exquis*, como os jornalistas francezes diziam, com que a sr.ª condessa de Burnay e suas gentilissimas filhas os receberam e fizeram com que no espirito de todas as horas ali passadas ficassem para sempre assignaladas entre as horas mais agradaveis, mais deliciosas, mais alegres de todas as nossas reminescencias festivas.

A ausencia completa da *pose* impertigada das festas officiaes, o bom humor communicativo que os donos da casa eram os primeiros a contagiar com o seu espirito fascinador, com a alegria franca expansiva de mademoiselles Burnay que estourava em gargalhadas argentinas, que sorria na musica deliciosa e varia com que uma d'ellas, a mais velha, ou melhor, *la première née*, — porque a mocidade tão radiante nem mesmo n'este comparativo trivial se deve applicar a palavra velha — passou em revista as nacionalidades differentes representadas n'esta festa cosmospolita, cantando as melodias caracteristicas, individuaes de cada uma d'essas nacionalidades, tudo isso deu uma fascinação doce, um brilho unico a essa formosa festa que nenhum dos que a ella assistiram facilmente esquecerá.

Fallámos outro dia rapidamente da recita do Club Dramatico Musical em honra de SS. AA., os noivos, hoje temos que fallar tambem d'outra festa musical de curiosos, do concerto da Real Academia dos Amadores offerecido egualmente ao principe real e á sua augusta esposa.

N'esse concerto houve um grande acontecimento artistico, um *successo* musical de primeira ordem, para um distinctissimo maestro amador, que hoje já tem fóros brilhantes de artista e a quem El-Rei galardoou o trabalho condecorando o com a ordem de S. Thiago, o sr. Alfredo Keil, o auctor das *Orientaes*.

O Occidente tem fallado já muitas vezes em Alfredo Keil, e este nome festejado tem apparecido em muitas das suas paginas firmando quadros de grande valor.

É que Alfredo Keil é uma excepcional organisação de artista, cultiva com o mesmo ardor, e estamos vendo que com o mesmo sucesso, a pintura e a musica.

Como pintor, porém, ganhára de ha muito as suas esporas d'ouro em successivas exposições, com trabalhos inumeros e importantes que denunciavam brilhantemente um bello talento e uma extraordinaria tenacidade.

Em musica as *Orientaes* foram agora a sua consagração definitiva

Correm por ahi impressas ha muito tempo varias e graciosas melodias para piano escriptas por Alfredo Keil; ha annos o theatro da Trindade deu uma operetta d'elle, n'um acto, *Susanna*, que apresentava uma formosa vocação de compositor; no anno passado executou-se no Colyseu uma cantata de certo folego *Patria*, em que essa vocação se accentuava mais; agora as *Orientaes* foram o passo gigante, foram o cumprimento solemne de todos os promettimentos, a transformação das formosas esperanças em bella realidade.

Felicitamos alegremente Alfredo Keil pelo seu grande triumpho, e agora ficamos esperando os seus novos successos, porque conhecemos de ha muito Alfredo Keil e sabemos que nem o seu talento nem a sua organisação de artista são para adormecer á sombra de louros, e para cançar no caminho da gloria.

E agora preparemos chronica de verão para de hoje a dez dias.

Gervasio Lobato.

O NOSSO SUPPLEMENTO

A PARADA DO DIA 25 DE MAIO, NA AVENIDA DA LIBERDADE

A parada que se realisou no dia 25 de maio, por occasião do casamento de S. A. o principe D. Carlos, foi composta da divisão da guarnição de Lisboa na força de 5:625 homens sob o commando do general de divisão sr. Henrique José Alves. Esta divisão era dividida em tres brigadas, sendo a 1.ª de infanteria, commandada pelo general sr. Claudio de Chaby, a 2.ª tambem de infanteria, commandada pelo general sr. Lobo d'Avila, e a 3.ª de cavallaria, commandada pelo general sr. Malâquias de Lemos.

Na primeira brigada figuraram o batalhão escolar do collegio militar e uma força de marinheiros da armada com 6 boccas de fogo.

As tropas formaram todas na Praça do Commercio, onde S. M., acompanhado dos principes e mais enviados extraordinarios que vieram a Lisboa assistir ao casamento de S. A., e do seu estado maior, lhes passou revista, seguindo depois pela rua do Ouro, Rocio até á Avenida da Liberdade, recebendo alli a continencia.

Para esse effeito levantaram-se na Avenida da Liberdade duas tribunas, sendo uma destinada para a familia real e principes estrangeiros, e a outra para o corpo diplomatico, legislativo, judicial e altos funccionarios, camara municipal e representantes da imprensa portugueza e estrangeira.

Na tribuna real, collocada do lado leste da Avenida, assistiu S. M. a Rainha, S. A. a princeza Amelia, os condes de Paris, e mais côrte, ao desfilar das tropas.

S. M. el-rei D. Luiz, com os principes estrangeiros e estado maior, formaram junto á tribuna, estendendo-se em uma fila de norte para o sul.

A concorrencia era enorme, e mal se podia conter na grande Avenida, onde deviam estar para cima de 50:000 pessoas.

As tribunas eram muito elegantes e bem construidas. Dirigiu a sua construcção e fez o risco d'ellas o sr. Valentim de Sousa Correia, muito distincto architecto da repartição de obras publicas.

O nosso desenho dá uma perfeita idea do maravilhoso aspecto que apresentava a Avenida, por occasião do desfilar das tropas em frente da tribuna real.

Foi n'este dia que a tropa se apresentou com os seus novos uniformes.

O desenho representa o momento em que desfilava a artilheria, da qual o sr. infante D. Affonso levava o estandarte.

A FAMILIA D'ORLEANS

OS CONDES DE PARIS

O casamento de S. A. o principe D. Carlos de Bragança com a princeza Maria Amelia d'Orleans veio ligar duas familias nobres, a que reina em Portugal e a que reinou em França.

Este facto dos nossos dias principia a desenrolar na historia, o pergaminho onde o tempo irá escrevendo com o seu estylete os successos, e a familia d'Orleans toma o seu logar junto da familia de Bragança pelos mais apertados laços de parentesco, que o povo portuguez acolheu com respeitosa sympathia.

Ainda não ha muitos dias que os illustres membros d'aquella familia estiveram entre nós, e assistiram ás grandes festas com que Portugal celebrou o real consorcio da gentil filha dos condes de Paris com o futuro rei d'esta nação; ainda não ha muitos dias, portanto, que a familia d'Orleans recebeu dos portuguezes as mais respeitosas saudações, ao unir um dos seus membros ao destino do futuro rei dos portuguezes.

A illustre princeza que desposou o principe real, tem muito que se orgulhar pelos seus ascendentes que se sentaram no throno de S. Luiz, e se as revoluções fizeram baquear esse throno, na familia d'Orleans é que nunca baquearam as tradições cavalheirosas que ennobrecem os seus brazões, nobres entre os mais nobres, a que o fogo esbrazeado das revoluções incendiarias não conseguiu sequer crestar as virentes flores de liz que os enfloram. E assim se é grande, mesmo quando tudo conspira para se ser pequeno.

Luiz Filippe Alberto d'Orleans, conde de Paris, neto do rei Luiz Filippe, filho do duque d'Orleans Fernando e da princeza Helena de Mecklenbourg-Schwerin, nasceu em Paris a 24 de agosto de 1838.

Ficando sem pae aos quatro annos de idade, e deixando a França aos dez annos, quando a revolução derrubava novamente a monarchia, refugiou-se na Allemanha com sua mãe e seu irmão, o duque de Chartres, depois da princeza Helena o ter apresentado á assemblea popular, que o recebeu irada, no meio da maior exaltação das paixões partidarias, salvando o a custo d'entre a turba desvairada.

Por isto se vê que as provações principiaram para o neto de Luiz Filippe logo aos primeiros annos do seu alvorecer, e que a sua educação se fez no exilio, emquanto a sua patria, agitada pelas mais desencontradas ideas, desthronava uma monarchia secular para implantar uma nova republica, que se havia de transformar em imperio levantado nas pontas das bayonetas, que mais tarde se iriam embotar contra as muralhas de Sedan, e

abrir o fosso onde se sepultaria o segundo imperio de Napoleão *le petit*.

É facil calcular as amarguras que os descendentes de Luiz Filippe devem ter soffrido em presença dos revezes da patria, a que não bastou o seu sacrificio para a tornarem feliz.

Da Allemanha passou o conde de Paris á Inglaterra, onde estavam exilados os reis de França seus avós. Alli perdeu sua mãe, e quando este golpe lhe feria o coração o conde de Paris alistava-se no exercito commandado por Clellan, que nos Estados-Unidos combatia pela emancipação do escravo.

Essa generosa lucta ainda ha pouco foi recordada pela mensagem mais honrosa que os americanos lhe dirigiram.

Em 1862 regressou a Inglaterra o conde de Paris, e em 1864 desposou a filha dos duques de Montpensier, sua prima, a princeza Isabel d'Orleans.

Durante a sua estada em Inglaterra, o conde de Paris dedicou-se a profundos estudos economicos, e d'ahi resultou o publicar um livro sobre organisação e historia da sociedade. A este livro succedeu a sua *Historia da guerra civil na America*, a qual concluiu ha cerca de dois annos.

Quando em 1871 regressou á patria, por votação da assemblea nacional, que revogou a lei do exilio dos Bourbons, e lhe restituiu os bens confiscados, o conde de Paris estabeleceu a sua residencia no castello d'Eu, tendo já em torno de si tres filhos, que pela primeira vez viam o ceo da patria de seus paes, e aprendiam a amal-a pelo cathecismo paterno, que lhes entornava na alma todos os sentimentos elevados e dignos, a par de uma educação sabia e intelligente.

Em 1883 a morte do conde de Chambord deixou naturalmente a successão dos seus direitos ao conde de Paris, mas isso em nada modificou o seu viver, continuando todo entregue á educação de seus filhos, e evitando toda e qualquer manifestação contra o governo constituido da França, com uma isempção digna e exemplar, não difficultando á republica a livre acção do seu governo.

Entretanto o parlamento francez acaba de votar uma lei de expulsão dos condes de Paris.

OS FILHOS DOS CONDES DE PARIS

São actualmente seis os filhos dos condes de Paris, sendo o primogenito a princeza Maria Amelia, esposa do principe D. Carlos de Bragança, de que já nos occupamos em os numeros antecedentes.

Depois da princeza Amelia segue se o duque de Orleans Luiz Filippe Roberto, que nasceu a 6 de fevereiro de 1869 em York-House, na cidade de Twicheunham.

O duque de Orleans tem, portanto, 17 annos de idade, empregados nos seus estudos e passados entre as doçuras do lar paterno, longe ainda das luctas da vida que fazem a biographia.

É uma esperança de seus paes e dos Orleanistas. Tem-se fallado vagamente do seu casamento com uma filha do principe de Galles, parece, porém, que não tem fundamento este boato.

O terceiro filho dos condes de Paris é a princeza Helena de Orleans, que tem 15 annos. É muito formosa, parecendo-se notavelmente com sua avó, a duqueza de Montpensier.

A princeza Izabel tem 8 annos e sua irmã Luiza 4 annos. São duas creanças adoraveis que fazem o enlevo de seus paes.

O ultimo filho que nasceu dos condes de Paris é o principe Fernando, que conta apenas 2 annos.

A educação d'estas creanças merece os maiores disvellos de sua mãe, e é entre os cuidados de mãe e a pratica da mais christã caridade, que a condessa de Paris emprega a sua vida, coberta das bençãos do povo d'Eu, a quem ella dispensa os maiores beneficios.

DUQUE D'AUMALE

Nos rapidos esboços biographicos que vamos fazendo não cabe uma biographia circumstanciada do quarto filho do rei Luiz Filippe; resumiremos, portanto, os factos principaes, e esses dão uma boa medida do seu valor.

Henrique Eugenio Filippe Luiz d'Orleans, duque d'Aumale, nasceu em Paris a 16 de janeiro de 1822, e aos 17 annos de idade alistou se no exercito de França, onde principiou a provar a sua capacidade militar na direcção da escola de tiro de Vincennes, o que lhe valeu o posto de capitão por distincção.

As suas provas no campo de batalha principiaram em Affroun, Monzaia e bosque das Oliveiras, e foram de tal ordem que voltou de lá coronel, entrando triumphante em Paris, em 1841.

No anno seguinte era promovido a marechal de campo, depois de ter completado o curso scientifico em Courbevoie, e embarcou para a Argelia commandando a subdivisão de Medeah.

Alli continuou a sua carreira victoriosa, aprisionando 3:600 homens, conquistando quatro bandeiras, e tomando o thesouro do inimigo.

Por este feito foi elevado ao posto de tenente general e ao commando superior de Constantina.

Em 1844 dirigiu a expedição de Biskera, onde se distinguiu de um modo superior.

O duque d'Aumale tinha se tornado um verdadeiro heroe no meio dos seus companheiros d'armas, e a sua influencia chegou a constituir uma tal auctoridade, que fez levantar questões no parlamento francez, onde sahiu em sua defeza M. Guizot, o celebre historiador da França.

A revolução de 1848 fel-o emigrar para Inglaterra, acompanhado do resto da familia.

Aos seus feitos militares reune o duque d'Aumale os seus notaveis trabalhos litterarios publicados na *Revista dos Dois Mundos* sobre a historia de França, e a *Historia dos Condés*, em que ainda hoje trabalha, etc.

O duque d'Aumale casou, a 25 de novembro de 1844, com a princeza Maria Carolina Augusta de Bourbon, filha do principe Leopoldo de Salerne. D'este enlace nasceram dois filhos: Luiz Filippe Maria Leopoldo d'Orleans, principe de Condé, que falleceu em 1865 com 20 annos de idade, e Francisco Luiz Maria Filippe d'Orleans, duque de Guise, que nasceu a 5 de janeiro de 1854.

O duque d'Aumale tambem veio assistir ao casamento da princeza Amelia, sua segunda sobrinha, pela qual tem muito especial affeição.

O DUQUE DE CHARTRES

Roberto de Orleans, duque de Chartres, nasceu em 1840 e é irmão do conde de Paris.

Militar por indole, ama esta vida de glorias e de perigos, como o marinheiro ousado ama a immensidade dos mares onde a sua alma se espande sem receio das tormentas.

Encetou a sua carreira militar nas fileiras do exercito do Piomonte, no posto de alferes de cavallaria, e da Italia passou á America, combatendo junto com o conde de Paris na sangrenta guerra que se feriu entre os dois Estados.

O soldado revelou-se com toda a coragem e temeridade que conquistam os loiros da victoria, entre o estomassar dos canhões que atordoa os fracos e enebria os valentes.

Ao terminar a guerra, emprehendeu uma viagem de instrucção, a respeito da qual escreveu um livro.

Quando o segundo imperio se debatia entre as garras germanicas que esfacelavam a França na mais gigantesca lucta dos nossos dias, encontrava-se nos campos da batalha o duque de Chartres que sob o nome de Roberto o Forte se alistou no exercito francez, operando prodigios de valor, que a sua patria lhe recompensou distinguindo-o com o grau de cavalleiro da Legião de Honra, por proposta do general Chanzi.

Depois d'isto partiu para a Argelia em serviço da França, e alli prestou relevantes serviços que mais enobreceram a sua vida militar.

O duque de Chartres hoje, apenas conserva as honras de coronel do exercito francez, tendo deixado de fazer parte activa d'elle, em virtude da resolução do governo francez, quando o general Thibaudin era ministro da guerra.

Em 11 de junho de 1863 casou com sua prima a princeza Francisca Maria Amelia d'Orleans, filha do principe de Joinville, e d'este consorcio tem quatro filhos.

Esteve em Lisboa onde veio assistir ao casamento da princeza Amelia, sua sobrinha.

C. A.

* * *

HOSPEDES ILLUSTRES

O PRINCIPE JORGE

A rainha Victoria, querendo dar uma prova da mais alta consideração pela familia real portugueza e pela nação sua fiel alliada, fez-se representar na ceremonia do casamento de S. A. o principe D. Carlos pelo seu neto o principe Jorge, filho do principe de Galles.

É um gentil mancebo, que reune aos dotes de uma perfeita educação litteraria e scientifica, um porte distincto, que revela a sua origem logo á primeira vista.

Faz parte da marinha de guerra ingleza, e acha-se actualmente embarcado na esquadra do Mediterraneo.

O principe Jorge chegou a Lisboa no dia 20 de maio ultimo, e, depois de ter assistido ao casamento de D. Carlos e ás festas que se celebraram, retirou-se no dia 27, indo reunir-se á esquadra d'onde saíra para vir a Lisboa, em um yatht de recreio.

O PRINCIPE AMADEU, DUQUE D'AOSTA

O seu nome é já hoje celebre na historia, e está ainda na memoria de todos o facto, occorrido ha poucos annos, que deu a este principe essa celebridade sympathica e respeitosa.

A corôa de rei que lhe pousou na cabeça não o subjugou a ponto de um dia a não deixar rolar pelos degraus do throno, quando viu que a nação que o sollicitara para seu rei não partilhava toda das mesmas ideas a seu respeito e conspirava contra elle.

«Estimaria ser rei de um povo, nunca rei de um partido.»

Foram estas as suas palavras ao deixar o throno que lhe fora offerecido, e com este rasgo generoso do mais levantado desprendimento, o rei Amadeu assombrava o mundo civilisado, deixando estupefactos os proprios contrarios.

É este o facto mais notavel que nos resulta da sua vida, e por ventura aquelle que melhor nos define o homem, o seu espirito elevado e bom, que antes se quiz desthronar que tingir de sangue os degraus do seu throno pela guerra civil, e d'onde havia pouco tinha fugido espavorida uma rainha hespanhola acossada pela mais estrepitosa revolução.

O principe Amadeu Fernando Maria, duque de Aosta, é filho do rei Victor Manuel, e irmão do actual rei de Italia, Humberto I, e da rainha D. Maria Pia.

Nasceu a 30 de maio de 1845. É viuvo da princeza della Cisterna com quem casou em 1867, e a causa da sua viuvez attribue-se em grande parte aos muitos sustos que sua esposa teve durante a sua estada em Hespanha, em que a cada momento se pronunciavam novas conspirações contra a vida do rei.

Esta viuvez prematura deixou-o na mais profunda tristeza, que não pode desterrar, e a sua fronte raro se desannuvia para dar logar a um sorriso que os labios exprimem, mas que a alma não acompanha.

Faz parte do exercito italiano, onde o seu valor é respeitado como o de um dos mais valentes soldados, e d'isso deu provas sobejas na batalha de Custozza, em 1866.

Veio assistir ao casamento de seu sobrinho, chegando a Lisboa a bordo do *Saboia*, yacht de recreio, no dia 15 de maio, e retirando-se no dia 1 de junho corrente.

Comboiando o yacht, veio o couraçado *Italia*, de que o OCCIDENTE se occupa em outro artigo.

C. A.

* * *

O COURAÇADO «ITALIA»

O couraçado *Italia*, que esteve em Lisboa por occasião do casamento do principe D. Carlos e que veio comboiando o yath *Saboia* que conduzio o principe Amadeu, mede 120 metros de comprimento sem o esporão, e tem de largura 22 metros com o deslocamento de 13:708 toneladas.

Construido de aço, tem duas amuradas distantes 1 metro uma da outra, e esse espaço é dividido em compartimentos, estanques, alguns dos quaes estão cheios de cortiça.

A couraça varia entre 45 e 75 centimetros de expessura.

O couvez é couraçado, protegendo as machinas, camara e mais dependencias.

Na parte central do navio está o reducto onde jogam quatro canhões de 100 toneladas, armando o resto do navio mais 18 canhões de 4 toneladas.

A artilheria é de W. Armstrong.

Quatro machinas de tres cylindros desenvolvem a força de 18:000 cavallos dando-lhe um andamento de 17 milhas.

Foi construido em Castellemare em 1880.

A Italia tem mais 5 couraçados do mesmo modelo.

Os couraçados das outras nações que se aproximam mais a estes, em cifras são:

A França com o *Formidable*, *L'Amiral Baudin*, *Foudroyante*, *Indomptable* e *Amiral Duperré*.

A Inglaterra com o *Inflexible*.

A Russia com o *Pedro o Grande*.

J. P.

OS POETAS LATINOS

Ennio é o primeiro que se nos apresenta digno de ser notado entre os antigos poetas do Lacio, não só pela sua inspiração original, mas ainda pela vivacidade das suas imagens. Os seus *Annaes* são lavores puramente romanos, pela grandeza das idéas, firmeza de tom, e pela sua linguagem mais oratoria que poetica.

Foi o pae do verso hexametro na lingua latina.

Plauto (Marcus Accius Plauto) e Terencio (Publius Terentius) foram dois dos mais illustres comicos da antiga Roma. As comedias de Plauto e Terencio não representam, como as de Molière, os desvarios da humanidade, mas, póem em scena como as de Menandro, os costumes particulares das differentes classes da sociedade romana. O seu

A FAMILIA D'ORLEANS

Princeza Helena

Duque d'Orleans

Princeza Luiza

Princeza Izabel

(Segundo photographias)

enredo ou entrecho, é menos desenvolvido, menos interessante e menos variado, porque não desenha senão as mesmas personagens: um pae credulo e bonacheirão; um filho prodigo e extravagante; uma mundana mais sordida que amorosa; um parasita servil e glutão, um creado astuto e manhoso... Eis os elementos que essas comedias combinam, cahindo nas mesmas situações, e jogando nas mesmas intrigas.

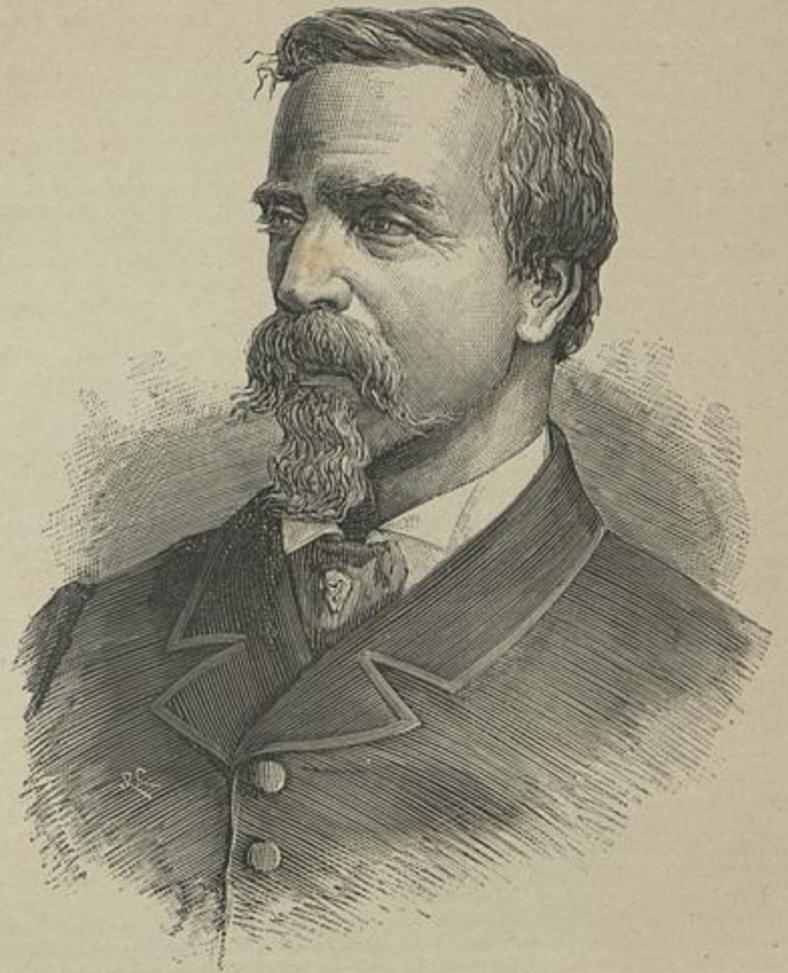
A uniformidade de personagens e de enredo é ahi fastidiosa, a versificação nem sempre esmerada, os *tours* de palavras baixos e ridiculos, mas em compensação essas comedias sobresaem no estylo. Plauto tem mais graciosidade, mais força comica; é fertil, como acabamos de dizer, em pilherias, muitas vezes grosseiras e escriptas para o povo, mas onde se admiram a facilidade de inspiração e a *veia comica*.

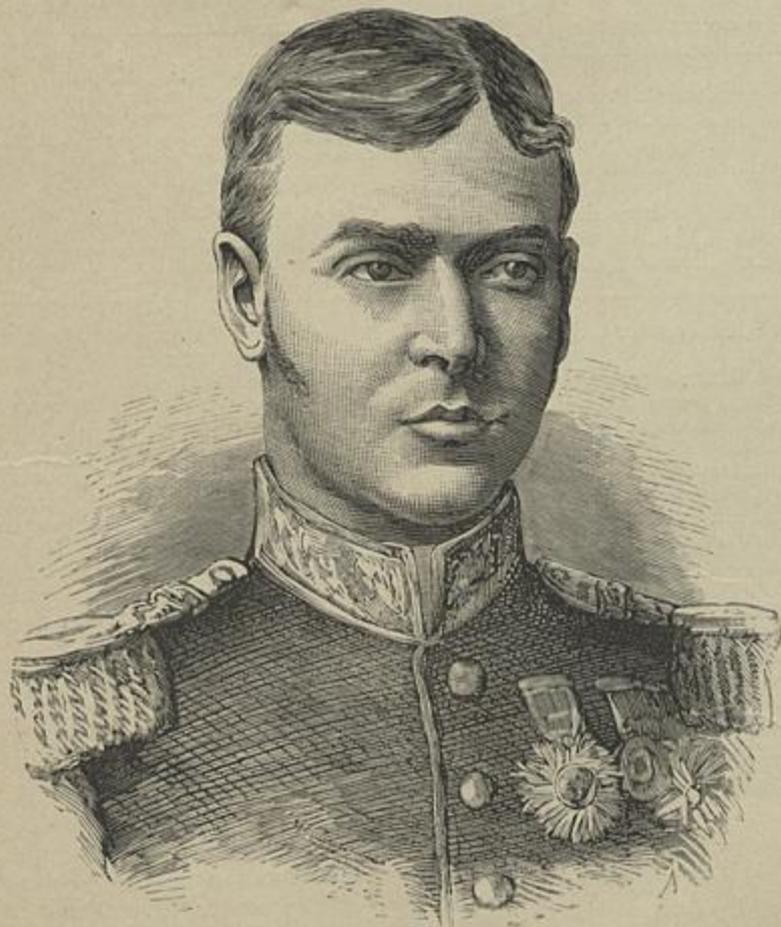
Foi de Plauto que Molière extrahiu o seu *Harpagon* e o seu *Amphytrion*, e Regnard a sua bella comedia dos *Menechmas*.

Terencio é mais elegante, mais polido, mais delicado na observação dos costumes; tem mais pureza de estylo, mais bellezas graça e nitidez no discurso, mas é mais frio que o seu rival.

Plauto é o poeta das multidões, Terencio o poeta da sociedade brilhante, da fina crême da ve-

A FAMILIA D'ORLEANS

Duque de Chartres

Duque d'Aumale

HOSPEDES ILLUSTRES

Principe Jorge de Inglaterra

Principe Amadeu, Duque de Aosta

lha Roma. A sua moral é sã e instructiva, o seu dialogo reune á clareza da naturalidade a precisão e a elegancia.

Segue se n'este desenrolar de sombras illuminadas pelas scintillações do sol fulgurante do genio, o poeta Lucilio, que se fez na satyra uma individualidade das mais apreciaveis. Poeta da nobreza, Lucilio atacou o partido popular, mas nunca deixou de ser cortez, engraçado e fino nas suas allusões. Adoptou o *iambo* pelo hexametro, verso que se presta muito á epopeia por ser mais elevado.

Este exemplo foi seguido pelos poetas satyricos latinos que se seguiram.

O poeta Varron fez umas satyras *menipêas*, á imitação do poeta grego Menippe.

Essas satyras eram um mixto de prosa e verso d'uma notavel elegancia de fórma.

O maior e o mais verdadeiramente romano de todos os poetas latinos foi o materialista Lucrecio *(Titus Lucretius Carus)*. O assumpto do poema *de Natura rerum* é a exposição da philosophia atomistica de Epicuro. Era impossivel escolher um assumpto mais ingrato e d'elle tirar tanta poesia como o fez Lucrecio, e o que mais admira é que essa poesia parece brotar expontanea, sem constrangimento algum. Lucrecio occupa-se a explicar as suas theorias aridas e abstractas com uma despretenção, uma naturalidade, um abandono admiraveis, encantadores.

Tem bocados de inspiração, ora sombria e energica, ora rica de seiva e graciosa como as flores do campo; tem imagens arrojadas, expansões pittorescas, que o rival d'Empédocles, com mão prodiga, espalha como diamantes de fino quilate por toda a obra; e tudo sem que elle proprio dê por isso, sem que em tal pense!

É que a divindade que Lucrecio não reconhece fóra do mundo está para elle espalhada no proprio mundo: nos seus versos tudo na natureza é dotado de fecundidade e de vida, e d'essa vida original nasce uma poesia nova, forte, poderosa, que só Virgilio soube cultivar depois d'elle.

Catullo é um poeta lyrico estimavel. Tem poesias lyricas, elegiacas, eroticas e satyricas, compostas conforme o capricho e a inspiração de momento. Ha n'elle pouca invenção e fecundidade mas em compensação que risonha e agradavel imaginação! que deliciosa ingenuidade! que delicadeza de sentimento, que naturalidade no estylo! N'esses primores não ha uma só palavra que não seja preciosa, mas que é impossivel traduzir. São flores vivazes, fragrantes, viçosas, espalhadas profusamente por sobre uma alfombra de opulenta verdura. O episodio de *Ariadne*, abandonada na ilha de Naxos, que faz parte do Epithalamo *Thetis e Peleo* é considerado como a obra prima de Catullo. Nunca os antigos ouviram falar de amor com mais doçura e paixão. O maior elogio que póde fazer-se a Catullo é que o poeta de Mantua no seu 4.º livro da *Eneida* hauriu muitas idéas, e até versos inteiros, d'aquelle delicioso episodio.

Chegámos ao poeta por excellencia, á estrella mais fulgurante que brilhou no reinado de Augusto Cezar, ao famoso Virgilio *(Publius Virgilius Maro)* o inimitavel pintor da natureza e das agitadas paixões dos homens; o astro rutillante da antiga Roma.

O espaço nos escasseia para analisarmos todas as bellezas da *Eneida*. No emtanto Virgilio é menos feliz quando imita Homero do que quando se entrega ás inspirações da sua alma. O plano do poema, o caracter do heroe as batalhas, as viagens de Enéas são imitados da Odyssêa e da Iliada; não teem o cunho da originalidade; mas que de verdade e que de pothetico na expressão dos sentimentos impregnados de suavidade e de ternura, quando o poeta se entrega á sua inspiração! Como é harmonioso, como é puro, como é elegante tudo o que diz; como é vivo, scintillante tudo o que pinta, como são bellas, exactas, claras as suas definições, animadas as suas descripções! É por estes meritos que a *Eneida*, se bem que lhe falte o predicado da originalidade, é todavia considerada como digna de offuscar a propria *Iliada*. Em todo o caso um e outro poema, o grego e o latino, teem sido o assombro de todos os seculos e considerados como os dois mais bellos monumentos que nos restam da antiguidade.

Na poesia lyrica dos antigos romanos destaca se em linhas colossaes, o grande vulto de Horacio, que póde ser considerado como o unico poeta lyrico dos latinos. A *ode* foi o genero que elle cultivou com mais predilecção. Nas suas odes espalhou Horacio tudo o que póde haver de mais sublime n'esse genero difficillimo. Nas de Simonides, Sapho, Pindaro, Anacreonte, Tyrteu e Alceu não as ha melhores. As suas odes heroicas brilham pela elevação, pela magnificencia, mas ressentem se d'uma especie d'orgulho de lavôr, queremos dizer, d'uma erudição onde ha mais arte que enthusiasmo. As suas *odes moraes* são de encantadora amenidade, nas *eroticas* ha exuberancia de graça e languidez e pujança de espirito atilado e observador.

Tibulo *(Aulus Albius Tibulus)* contemporaneo e amigo de Horacio, deixou quatro *Elegias* que respiram uma alma apaixonada, sensivel e melancholica. São muito estimadas estas elegias pela elegancia e pureza com que estão escriptas. O natural dos sentimentos, a exquisita graciosidade do seu estylo, a harmonia e a facilidade dos seus versos lhe dão um encanto inimitavel. Tibulo é terno e notavel, apaixonado sem artificios, delicado sem requintes, nobre sem affectação, simples sem baixeza e elegante sem pretensões. A primeira elegia do seu 1.º livro é considerada como uma obra verdadeiramente prima.

Propercio *(Sextus Amelius Propertius)* tem menos suavidade e é menos casto que Tibulo. Apresenta comtudo uma elocução sabia, e engenhosa erudicção. As suas poesias respiram todo o calor da voluptuosidade e do amor. Nunca o amor teve linguagem que mais tocasse as fibras da alma que nas poesias de Propercio.

Segue-se o universal Ovidio, o auctor das *Tristes*, das *Georgicas*, da *Arte de amar*, das *Metaphoras* e dos *Fastos*.

Encontram-se nas suas *Tristes* mais espirito que sentimento, grande abundancia de ornatos e lances brilhantes, imaginação fecunda, mas sem ordem, estylo facil, mas incorrecto. Emfim mais talento do que gosto.

Nas *Georgicas*, a sua obra prima e uma das joias mais fulgurantes da poesia latina, ha um sentimento vivo e pujante, reflexão, doçura e meditação. O seu poema assemelha-se a um drama onde tudo tem movimento e cria uma alma; — as plantas soffrem, queixam-se, estiolam e. . morrem. Não são figuras são a expressão da realidade.

Na *Arte de amar*, Ovidio quasi que eguala as eglogas de Virgilio. Nas *Metamorphoses* tem o estylo facil e agradavel; as tradicções ahi são bem escolhidas, felizmente ligadas e contadas com interesse.

Segue se Lucano que na sua *Pharsalia* alcançou proeminente logar entre os poetas epicos. Se bem que bastante emphatico sente-se no seu poema palpitar o amor ardente da liberdade. Tem caracteres traçados com vigor e trechos de eloquencia varonil admiraveis pelo arrojo e pelo seu brilho poetico.

Resta-nos falar de dois poetas satyricos que Roma produziu depois do nascimento de Jesus Christo, isto é, de Persio e Juvenal.

As satyras de Persio *(Aulus Persicus Flaccus)* são notaveis pela elevação dos sentimentos philosophicos e austeridade da moral. O estylo é nervoso e conciso mas obscuro, ou antes, *massudo*. Poeta da virtude, Persio m stra-nos nas suas satyras um grande fundo de razão e ser o mais implacavel inimigo do vicio.

Juvenal pretendeu reformar a sociedade fazendo-a córar de si propria e em parte consegui-o. É desapiedado, despreza a arma ligeira do ridiculo e toma o látego da satyra, que é manejado com vigor. As suas vergastódas correm do throno á taberna e ferem indistinctamente, seja quem fôr que se afaste da senda da virtude.

Censor inexoravel, Juvenal descarna todos os vicios e os expõe a publico promovendo mais a repugnancia e o horror do que o riso. Se elle proprio ri, o seu riso é ainda mais formidavel do que seria a sua colera. De nada se arreceia no seu brioso mas cruel intento e não respeita nenhuma d'essas conveniencias frivolas da sociedade. O estylete é cravado até ao fim da sua lamina fina e penetrante. Eis como elle intenta corrigir!

Juvenal é emfim o poeta d'alma forte e rigida, o cidadão austero e incorruptivel que quer reformar o mundo, não pela risada de Democrito, mas pelo cacete de Diogenes.

Contam-se entre as mais bellas satyras de Juvenal as intituladas: *O Rodovalho, as Mulheres*, e os *Votos*.

São dignos de serem lidas porque constituem um primor entre os primores no genero.

Concluimos promettendo dar aos leitores d'esta folha litteraria em um dos proximos numeros um esboço dos antigos poetas da antiga Grecia, visto essa pleiade constituir um dos pontos mais luminosos da historia litteraria da antiguidade.

Silva Pereira.

Soror Ignez Maria da Conceição e Soror Guiomar da Cruz

Intrigas conventuaes. Diplomacia de abbadeças. Estylo freiratico. Sotainas por detraz dos véos.

1668 — 1715

(Continuado do n.º 269)

As quatro freiras foram provisoriamente alojar-se no mosteiro das religiosas flamengas, em Al-

---

O CRIME DO CORREGEDOR

(Continuado do n.º 268)

XXIX

A vingança do corregedor

O summario encerrou-se em poucos dias.

Solis começava já a inspirar compaixão, e a opinião publica a manifestar-se em seu favor, o que em réu de tal crime, era um caso inteiramente novo, de que não havia memoria.

O corregedor do crime, porém, não trepidava. Elle era como o naufrago no seio da tempestade, a quem o bramir da tormenta imprime coragem, e o marulhar da vaga traz novos alentos.

Mandou pôr a sua sege e dirigiu-se ao convento de Santa Clara. Chegado á portaria, chamou a rodeira e disse-lhe que desejava falar a soror Eulalia da Natividade.

Soror Eulalia brilhava como um sol entre as mais illustres e requestadas damas do seu tempo.

Não era um espirito vulgar e baixo que obedecesse ás allucinações banaes de uma phantasia enfermiça, mas uma rasão forte e esclarecida, que estava longe de se deixar eivar dos preconceitos do seu tempo, mas tambem muito superior ás fraquezas do seu sexo, tantas vezes aviltadoras e degradantes para a mulher que se deixa vencer facil e levianamente.

Veio immediatamente á grade falar ao corregedor a formosa freira, impetrada a permissão da abbadessa, que, ao saber da visita do corregedor ao mosteiro, nada tranquilla ficou.

Porque faziam certamen de poetas as festividades no convento de Santa Clara, e Gabriel Pereira de Castro houvesse renome de primoroso cultor das musas, para nenhuma freira das que glosavam nos *outeiros*, elle era um estranho.

O caso da prisão de Solis trazia a commonidade em alvoroto e a abbadessa em apuros de consciencia.

Nem o seu passado nem o seu presente, eram de tal sorte desprendidos das cousas terrenas e mundanas, que a desobrigassem de arreceiar-se da visita do corregedor do crime, quando justamente se tratava de um acontecimento de tamanha gravidade como era por certo aquelle do desacato que tão viva sensação estava produzindo.

Solis poderia compromettel-a de um momento para o outro; e para isso bastava-lhe que proferisse uma só palavra; que dissesse onde havia passado a noite em que o nefando crime fôra perpetrado.

Teria elle proferido essa palavra?

N'estes apuros, quando soror Eulalia lhe foi pedir venia para ir á grade falar ao corregedor, ella toda assustada, lhe supplicou infligisse no animo de sua senhoria illustrissima, porque não fosse ahi estalar grande escandalo de que muito se arreceiava o seu coração, sempre leal n'estes maus presentimentos de alma.

Soror Eulalia respondeu:

— Socegue, minha senhora, quem poderia comprometter-nos conservar-se-ha calado como até aqui e quem poderia salvar-nos, nem sequer lhe darei ensejo ou pretexto para nos mostrar a sua boa vontade.

A abbadessa não percebeu bem, porque tinha mais, muito mais de velhaca do que de intelligente.

Todavia, conhecedora do genio altivo da formosa esposa de Christo, que em certos pontos de castidade, ao que se vê, não honrava n'isto o marido, julgou prudente recommendar.

— Veja o que faz?

E matreiramente observou-lhe:

— O corregedor já está velho e olhe que os velhos são peiores que os rapazes quando pôe o pensamento n'alguma mulher.

Dito isto voltou se para o jenuflexorio onde estava entreaberto o seu relicario e passou da murmuração á oração, com a mesma facilidade de quem fazia de ambas as cousas o seu officio e era mestra d'elle.

Soror Eulalia, entretanto, descia lesta e nervosamente á grade, cuja porta empurrava com as pontinhas dos dedos.

cantara, passando depois para o convento da Esperança, onde era professa soror Maria da Cruz, — uma das nossas duas heroinas — filha do duque de Medina Sidonia, e n'esta qualidade prima direita d'el rei. Demoraram-se as freiras n'elle um mez e dezesete dias, até domingo da paschoella, sendo levadas no dia immediato, com grande pompa, para o seu convento de S. Bento da Saude, hoje vulgarmente chamado das Francezinhas.

É de crer que os demais conventos vissem com maus olhos a predilecção da rainha pelas freiras professas no convento do Santo Crucifixo, que Affonso VI, e depois D. Pedro II, tambem protegeram, para comprazerem com a decidida sympathia que D. Maria Francisca de Saboya lhes prodigalisava. Não devemos suppôr tambem alheio á intriga o clero secular, influenciado pelos bispos, e que não podiam de bom grado vêr confiado a padres geraes e provinciaes o pastio das ovelhas que elles reputavam suas.

Passa hoje como verdade assentada em todos os negocios da vida a influencia da mulher, tendo os francezes inventado para a confirmar, a phrase: *cherchez la femme.*

Eu, substituindo as palavras, mas conservando-lhe o sentido, não direi *cherchez la femme*, mas em bom portuguez: *deitem-me para cá o padre.* Se erro, peço perdão a Deus e aos homens.

Voltemos á chronica. Viviam as fundadoras no seu conventinho (diz o frade) *quando o inimigo commum* — creio ser o diabo em pessoa — *lhes declarou guerra, tanto mais perigosa, quanto era dissimulada com as apparencias de virtude.*

Já vimos que no convento da Esperança havia uma freira, soror Maria da Cruz, filha do duque de Medina Sidonia, mulher de temperamento nervoso, resoluta, embora pouco persistente nas resoluções que tomava; e que por si, ou inspirada por alguem, pretendia sair do convento onde estava, e da regra em que vivia, para entrar no convento do Santo Crucifixo, dando parte á rainha d'este seu desejo.

A rainha avisou d'este negocio o abbade Bonni, que era em Portugal o agente do cardeal Orsini — já aqui temos duas sotainas! — para que fallasse sobre o assumpto com a madre Maria de Santo Aleixo, não sem a rainha pôr algumas duvidas na firmeza de vocação da pretendente, *e suspeitar ter o seu designio raiz em algum desgosto dos que costumam ser muito frequentes em communidades!*

Sobre estas suspeitas, sobrenada a opinião do frade commentador, dizendo que a rainha como *prudente* as tivera, sendo mais verdadeiro se affirmasse que a princeza D. Maria Francisca, como experimentada as conhecia, e sem querer as denunciava.

Um requerimento de freira tinha no seculo XVII mais recursos e appellações de que tem em nossos dias uma causa criminal qualquer. Por parte da rainha vimos já a questão entregue nas mãos do abbade Bonni e do cardeal Orsini; por parte da pretendente foi confiado o negocio em primeira instancia á madre Mares de Santo Aleixo, com recurso para o padre Gabriel de Serent, superior da Ordem, e ainda depois com appelação para o padre provincial da provincia da Bretenha, que todos resolveram, por unanimidade, que á nova fundação convinha chamar a si pessoa de tão *conhecida nobreza!* Aqui ficam mais dois padres introduzidos na questão, o que sommam quatro, com os dois já mais atraz nomeados!

Para, não sei se applauso, se negação de fervor com que a filha do duque de Medina Sidonia procurava ser recebida no convento de Santo Christo das Capuchas, ahi transcrevo o *menu*, a que eram obrigadas pelos estatutos as suas professas e que levou Innocencio IV a escrever que, para serem santas as suas adeptas, bastava a escrupulosa observancia d'elles.

Jejum todo o anno. Repastos como os de quaresma, excepto os domingos. Nos jejuns da quaresma e do Advento, e nas sextas feiras, nem ovos, nem lacticinios, nem peixe, e só sopa e um prato de ervas. Nas vesperas de certos dias solemnes, só uma sopa, pão e agua, e as refeições tomadas de joelhos!

Além d'este regimen, pouco ou nada substancial, oração mental duas horas por dia, e todas as semanas tres dias de disciplinas, condignos desenjoativo de meza tão pouco farta, como era, ou devia ser a das freiras capuchichas que a fidalga freira da Esperança ambicionava compartilhar!

Se pelo lado da alimentação nada tinha de tentador o convento de Santo Crucifixo, o habito de que usavam as suas professas tambem não era para lhes fazer realçar as bellezas, consistindo em um saial grosseiro, veus e toalhas de panno tambem grosso, e as alparcas em harmonia com o resto do vestuario. O adorno das cellas das capuchichas condizia com a parcimonia do seu refeitorio, e com a pobreza do saial em que em vida se amortalhavam: um catre, um xergão, um travesseiro de palha, e uma pia d'agua benta completavam a mobilia dos dormitorios das pobres reclusas que fugiam ás tentações do seculo, quantas vezes — quem o sabe! — sem conseguirem lograr a paz interior do espirito, que tem por encarniçados inimigos — o mundo, o diabo e a carne!

Despachada que foi a petição da madre Guiomar da Cruz, entrou esta a pedir a mesma graça para a madre Maria Ignez da Conceição, filha de D. Antonio de Menezes, marquez de Marialva, o vencedor de Montes Claros, e um dos personagens mais influentes da côrte, e apezar de tudo, não ouvido, nem achado, na desarasoada pretenção de sua filha!

Por este tempo tinha a madre Guiomar da Cruz trinta annos, e apenas vinte e um a pobre Ignez Maria da Conceição, sendo esta de compleição extremamente delicada, e de um temperamento melancholico, o que se revella na sua correspondencia com a madre vigaria Maria de Santo Aleixo, felizmente conservada na sua integra.

A rainha, que levava de par as intrigas da côrte e as dos conventos de freiras, e que já protegera se não estimulára soror Guiomar, apezar de lhe duvidar da firmeza da vocação; agora objectava á nova pretendente as *apparencias de inconstancia* que o seu pedido tinha, e as difficuldades que se haviam encontrar na sua sua realisação, *porque a politica o fazia necessariamente difficultoso!*

Com effeito quando o marquez de Marialva soube, já tardiamente, que sua filha intentava deixar o convento da Esperança em que havia professado, oppôz se tenasmente á sua resolução, auxiliado pela marqueza sua mulher, que era de condição altiva e aspera, pensando ambos que *não era decente para a gandeza de suas pessoas o passo que sua filha estava disposta a dar.*

Não obstante a rainha venceu todas as difficuldades, incluindo a má vontade dos marquezes de Marialva, e as duas irmãs conversas saíram do convento da Esperança para o mosteiro de S. Bento, no primeiro domingo de quaresma do anno de 1668, com extraordinaria pompa e luzimento, concorrendo a este acto toda a nobreza da côrte, parte d'ella aparentada com as duas victimas dos manêjos e intrigas conventuaes.

Com data anterior a esta mudança de um para outro convento, restam nos cinco cartas, tres da madre Guiomar da Cruz, e duas da madre Ignez Maria da Conceição, que ao mesmo tempo que pintam as tribulações das almas de quem as escreveu, nos illucidam ácerca do modo de viver interior dos conventos, de que tão viva pintura nos deixou Victor Cassini nos seus estudos sobre as mulheres illustres do seculo XVII.

A primeira carta de soror Guiomar tem o tom lépido e expedito de quem anda avezada a tratar negocios, seus e alheios. Accusa recebido pela mão do padre René, um bilhete de madre Maria de Santo Aleixo, diz estar muito mal comsigo a madre abbadeça do convento da Esperança, e não se attrever por isso a pedir-lhe licença para ir á grade fallar ao padre. Receia ter muito que padecer os dias que ainda se conservar na Esperança, mas assegura serem firmes as intenções *da pequena irmã Ignez* (que ella sedusio) *por quem o marquez se interessa como causa propria; e que é certo procurar Deus o melhor caminho para o engrandecimento da nova fundação.* Esta carta termina affirmando que o exemplo das duas revolucionarias ha de ter imitadoras!

A ingenua Ignez Maria limita-se a affirmar que padece muito, mas que a communidade está mais socegada, por entender que os negocios estão ainda para ter vagar.

A segunda e terceira cartas da madre Guiomar são mais explicitas. N'uma inveja a sorte da sua companheira Ignez, que anda combatida por toda a communidade — pobre rapariga! — apezar da marqueza ter já respondido *que não quer ir contra a vontade de Deus.* Na outra diz: *todo o mundo está contra nós, santas e peccadoras, e nos chamam doidas e outros nomes semelhantes, e que somos tentadas do demonio;* e insta com a madre Maria de Santo Aleixo para que tenha um *bocado de resolução, que as livre a ella e á sua companheira, do labyrinho em que andam mettidas, por que já lhes não bastam os conselhos do padre Gabriel!*

Mas o que causa lastima ao lêr, é a segunda carta da filha do marquez de Marialva, tão repassada de mansidão e tristeza, tão singella no dizer, e por isso mesmo tão eloquente na sua dôr. Sinto não a poder transcrever aqui por inteiro, por ser demasiado longa, mas d'ella darei em resumo o que tem maior significação moral, e cunho de soffrimento: *Dou graças a Deus* (escreve ella) *por me dar forças para resistir a tantos, e tão crueis combates, como os que n'estes ultimos dias me deu o mundo, o diabo e a carne. Seguro a vossa reverencia, que desejando escrever-lhe para me offerecer por sua muito obdiente filha, o não poude jámais conseguir por me faltar o tempo,*

O corregedor aguardava-a de pé, reflexivo e concentrado.

A sua attitude era um mixto de auctoridade e de força, e ao mesmo tempo de submissão e debilidade.

Quando olhava para si apparentava toda a grave magestade do magistrado; quando olhava para a gentil esposa do Senhor, toda essa gravidade desapparecia para dar logar ao lubrico sorrir nervoso de um idiota.

Tal era o poder que a freira tinha sobre aquelle homem verdadeiramente superior ao vulgo dos homens do seu tempo: tal o condão magico das mulheres!

— Senhor, lhe disse com severa intimação, esperava tudo, menos que procurasse quem por todos os meios procurou perder.

O corregedor não se mostrou embaraçado na replica, como quem de ha muito já a trazia estudada.

— Não percamos palavras, nem o tempo que não nos sobra. Ha dez annos que resiste ás minhas supplic s, e ao meu amor, antepondo-se esse homem que odeio.

A freira fez o gesto de calado como quem já estava cansada de ouvir aquellas variações bordadas sobre o assumpto da paixão que inspirava ao senhor corregedor.

— Pois bem, continuou elle, chegou-me a vez agora. Perdi para sempre esse preferido que me roubava a felicidade e a vida: perdi-o!

— Corregedor, a sua vingança foi inutil.

— Como, inutil?

— Porque só deu occasião a Solis de mostrar que era um homem e que o juiz que o julgava era um infame.

Um murro immenso sobre a meza fez saltar o copo da agua e a salvasinha em que elle estava.

— Não me assusta, accudiu sorrindo a freira, ha felizmente entre nós a distancia que estas grades de ferro delimitam.

— Dou-lhe a minha palavra de honra: Solis ha de ser queimado n'esse largo, além, em menos de um anno, ha de ser queimado vivo e os gritos e maldições hão de chegar até estas abobadas sob as quaes elle disfructou clandestinamente prazeres que eu só para mim ambicionava; prazeres cuja esperança me trouxe arrastado á sua vontade e aos seus caprichos até este momento: Eulalia ainda hoje não deu uma palavra sua e...

— E que sr. corregedor, interrompeu severamente a formosa esposa de Christo, é realmente extranha a sua demencia.

— É confirmou elle. Eu quiz perdel-a para todos pela bocca do seu amante, para d'esse modo a salvar só para mim. Fazia com que fugisse... fugiria comsigo mesmo o proprio corregedor, mas seria minha. Eulalia, eu ficaria sendo o senhor absoluto da mulher que por tantos annos foi a dominadora suprema da minha vontade.

Eulalia cruzou os braços em attitude despresadora.

— Mas esse plano falhou, porque Simão Pires Solis de nenhum modo o teria favorecido, falharia ainda a despeito d'elle, porque Soror Eulalia preferiria como Solis a morte, a essa prepetua escravidão infame que ia vincula-a não a um homem que aborrece, mas a um miseravel que lhe cumpria odiar eterna e mortalmente.

O corregedor ergueu-se gotejando camarinhas de suor e com voz tremula, perguntou como a medo!

— É a sua ultima palavra?

— Não.

Respirou um momento, mas breve, porque logo o fulminou justamente essa ultima palavra que receiava ouvir.

— Saia, para nunca mais voltar, nem mesmo a pedir-me perdão arrependido, contricto e agonisante.

— Não voltarei não, respondeu elle, e a minha unica palavra d'honra lh'a enviarei pela bocca de seu amante que eu farei queimar em vida.

Mais nada.

(Continúa)

Leite Bastos.

estando toda occupada em defender-me de tudo o que se levantava contra mim!

A allucinada menina, que se diz tentada pelos tres inimigos d'alma, conta em seguida haver recebido por mão da rainha uma carta da madre Maria de Santo Aleixo, e não esconde os partidos que lhe propõem no convento da Esperança para d'elle não sair, taes como: *o de viver com a austeridade que quizer, quer no vestir, como em tudo o mais*, propostas que ella não está disposta a acceitar.

Estas foram as cartas que prepararam o definitivo triumpho das religiosas capuchichas, sobre as suas rivaes do convento da Esperança, com a trasladação d'este para aquelle mosteiro das fidalgas filhas do duque de Medina Sidonia e do marquez de Marialva.

(Continúa) *L. A. Palmeirim.*

RESENHA NOTICIOSA

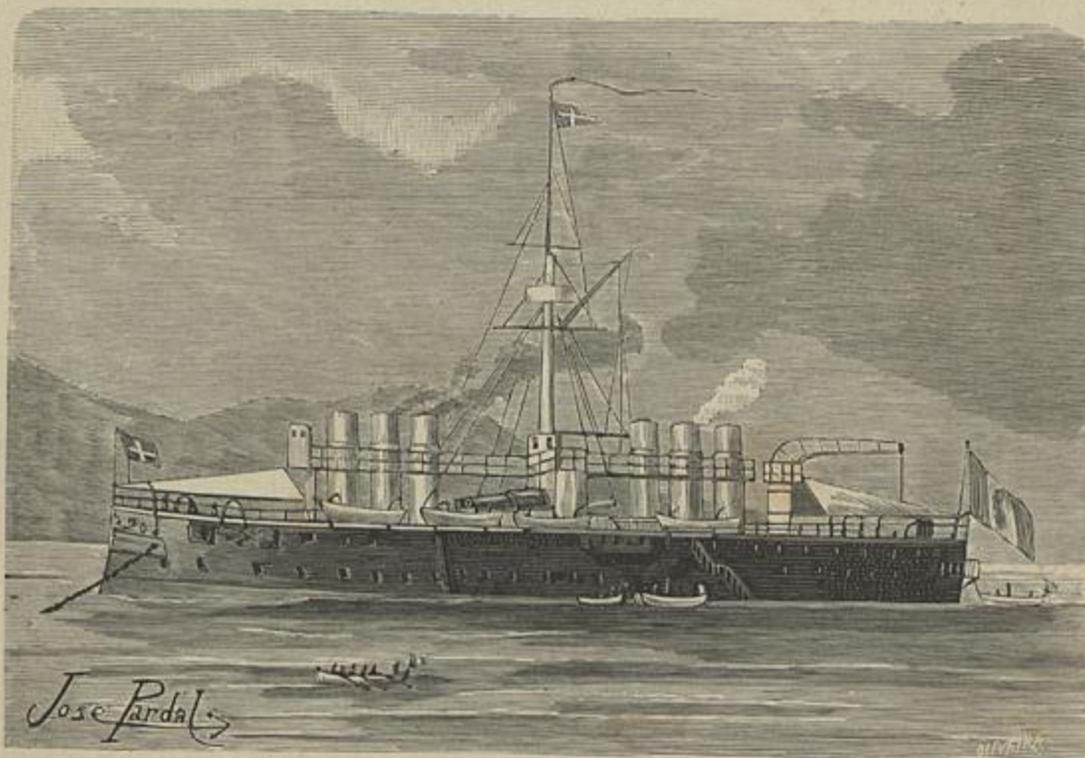
Novo projectil. Acaba de se fazer, em Berlim, a experiencia de um novo projectil que tem a forma de um pequeno obuz carregado de pastas de algodão polvora, a explusão do qual é da mais extraordinaria destruição, não havendo moralha, por mais forte que seja, que lhe resista. O governo allemão ficou tão satisfeito com a experiencia que fez logo encommenda de 75:000 d'estes obuzes, para o que der e vier.

Revoltas. A época é de revoltas, de greves, de arruaças, que se succedem umas ás outras, com a mesma rotação com que o sol se deixa vêr e desapparecer todos os dias. Aos tumultos de Londres, seguem-se as desordens dos mineiros, em França, e na Belgica succede outro tanto com os operarios fabricantes de vidros. Da Australia as noticias não são melhores e na Hungria os anarchistas manifestam a sua aversão á Austria mais uma vez. Em Lisboa uma Maria da Piedade faz estabelecer um conflicto entre a tropa de linha e a policia, que custa a prisão a duzentos e tantos cidadãos pacificos, fóra os malandros, a bordo do transporte *Africa*, gosando as frescas e odoriferas auras do Tejo, e quando isto succede em Lisboa, Madrid, para não ficar atraz, levanta grande tumulto entre o povo e a guarda civil, no que o exercito não é extranho, estando já nomes pomposos envolvidos na contenda. Até a pacifica Galiza atirou com a albarda ao ar, pedindo mais de mil mulheres, com a eloquencia, não de um Cervantes, mas de muito boas fouces roçadoiras, a suppressão do medico, do professor, da guarda civil e até da botica, como coisas inuteis que não querem pagar! E digam-nos depois d'isto se a *Bernarda* não impera por sobre esta bola achatada.

Cidade incendiada. Um grande incendio destruiu quasi completamente a cidade de Vancouver, na Columbia.

Viagem real. No proximo mez de agosto S. M. El-Rei D. Luiz fará uma breve viagem a alguns Estados da Europa.

Monumento ao maestro Sá Noronha. Vae eregir-se no Rio de Janeiro um monumento funebre ao maestro Sá Noronha. Tomou a inneciativa d'esta homenagem ao notavel maestro, a *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, a qual abriu uma subscripção que, segundo as ultimas noticias, estava em 2:446$500. O projecto para o monumento já está feito.

Theatro grego. Em Londres acaba de se construir um theatro grego, seguindo-se para isso o mais escrupuloso rigorismo historico, sob a direcção de sir Gladstone, o mais enthusiasta hellenista da Grã-Bretanha. Para estreia do theatro hellenico foi feita expressamente uma peça no gosto das peças de Euripedes, Sophocles e Eschylo, intitulada *Helena de Troia*.

O couraçado «Italia», no porto de Lisboa (Desenho do artista amador sr. José Pardal)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

O Anti-Christo, por Gomes Leal, Alberto d'Oliveira, editor. Lisboa, Typographia Elzeviriana, 1886. Appareceu finalmente este livro ha tanto tempo annunciado e a respeito do qual a opinião publica tinha engatilhado as suas melhores armas. Fallava se de heresias, de poetas satanicos, d'uma revolução completa no mundo religioso, e tudo isto eram outros tantos motivos para desafiar a curiosidade e o combate. Mas tudo ficou em paz. O poema do sr. Gomes Leal que, como obra poetica sustenta os creditos do seu auctor, como philosophia não sustenta os creditos de ninguem, e quando o auctor fórma o mundo em bellos alexandrinos, são estes muito superiores á sciencia infusa que nos quer innocular, quando nos conta, como surgiram os mares e se ergueram as montanhas, novidades que deixam boquiaberto o Leão de S. Marcos e bico aberto a Aguia de S. João, além de toda a côrte celestial assombrada, exclamar em côro, *mas nunca se disse isso cá*, e o sr. Gomes Leal lhe responder, *digo eu ora ahi está*, o que obriga o Padre Eterno a tocar a rebate pelos anjos e archanjos de espadas afiadas, exactamente como a municipal contemporanea do sr. Gomes Leal; ou quando nos diz cheio de admiração:

Apoz a Folha, a Flor: — depois da Flor, o Fructo

e todo este esforço de verdade para negar a existencia de Deus! Ora se o sr. Gomes Leal aproveitasse o seu bello talento de poeta e deixasse em paz a cosmogonia, devia produzir obra de muito mais peso, e não nos mostraria o seu calcanhar vulneravel, onde a estas horas os cosmogonistas e os theologos estão assestando a sua pontaria... e d'ahi talvez não estejam.

Agricultura Contemporanea, *revista agricola e agronomica*, directores J. Verissimo de Almeida, A. Xavier Pereira Coutinho, Julio Borges, secretario. Redactores effectivos A. Augusto dos Santos, Arthur Leitão, Francisco Simões Margiochi e Jorge de Mello, Lisboa. É este o titulo da revista agricola de que recebemos o 1.º numero, e que é redigido por professores do Instituto Agricola e agronomos distinctos. N'um paiz onde a industria agricola occupa o primeiro logar entre as fontes de riqueza do paiz, são sempre bem cabidas todas as publicações que se propõem tratar da agricultura, e tanto melhor cabidas quando essas publicações trazem á sua frente nomes tão competentes como os que constituem a redacção da *Agricultura Contemporanea*.

Revista de Bellas Artes, *periodico quinzenal illustrado*. Barcelona. Esta revista publica, alem de gravuras, reproducções de obras d'arte, artigos de bastante interesse sob o ponto de vista artistico, dando conta do movimento artistico e literario de Hespanha.

Juarez e Cesar Cantu, vertido em portuguez da edição official por Frederico Duarte Coelho, chanceller, do consulado do Mexico, em Lisboa. É a refutação das accusações que em sua ultima obra o historiador italiano formula contra o benemerito da America. Essas refutações firmam-se em documentos importantes e que demonstram que Cesar Cantu andou mal informado a respeito do notavel Juarez.

AVISO

Com este numero do Occidente é distribuido gratis a todos os srs. assignantes e correspondentes um supplemento

A parada do dia 25 de maio

Avulso regulam as mesmas condições já estabelecidas com outros supplementos.

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.

CASAMENTO DE S. A. O PRINCIPE REAL D. CARLOS DE BRAGANÇA — A parada do dia 25 de maio de 1886, tropas desfilando em frente da tribuna real, na Avenida da Liberdade

(Desenho de J. Christino)